

10) Para um confronto de resultados, v. Bicudo, Virginia Leone, *Relações raciais entre negros e brancos em S. Paulo, VI, Atitude dos alunos dos grupos escolares em relação à cor dos seus colegas, Anhembi, outubro de 1953.*

11) Naturalmente, não vamos discutir agora a hipótese da preservação do preconceito numa nova estrutura, transformadas sua função e forma de manifestação.

12) Cf. Bicudo, Virginia L. — *Atitudes raciais de pretos e mulatos em S. Paulo, cit.*

13) Bastide, Roger e Fernandes, Florestan — *O preconceito racial em S. Paulo (projeto de estudo) — publicações do Instituto de Administração; Relações raciais entre negros e brancos em S. Paulo, Anhembi, 1953 — conhecemos, até o presente momento, a parte do trabalho publicada no meses de maio, junho, julho, agosto, setembro e outubro.*

14) *Relações raciais entre negros e brancos em S. Paulo, I e II, Anhembi 1953, maio e junho, capítulos redigidos por Florestan Fernandes.*

15) Bastide, Roger e Fernandes, Florestan — *O preconceito racial em S. Paulo (projeto de estudo), pág. 22.*

16) *Relações raciais entre negros e brancos em S. Paulo, Anhembi I, maio de 1953, pág. 475.* Não vamos analisar agora as circunstâncias em que o abolicionismo imigracionista, de que Couty foi um dos porta-vozes, passou a veicular a idéia da menor rentabilidade do trabalho escravo e, por extensão, do trabalho negro em geral; cumpre, porém, lembrar que foi longo o processo de ajustamento do imigrante ao trabalho de uma lavoura para a qual não vinha habilitado.

17) *Relações raciais entre negros e brancos em S. Paulo, I, Anhembi, maio de 1953, pág. 477 inclusive notas 134 e 135.*

18) Cf. Canabrava, A. P. — *O desenvolvimento da cultura do algodão na Província de S. Paulo (1861-1875), pg. 280.*

19) *Sobre a vinda de operários europeus diretamente para uma fábrica de S. Paulo, cf. Livro de Ouro do Estado de S. Paulo, pág. 184.* Essa forma de recrutamento de mão de obra, porém, só se deu excepcionalmente.

20) Beiguelman, Paula e Simão, Azis — *Formação do Operariado em S. Paulo, inédito.* Com referência à composição do operariado, cf. também Bandeira Jr., A. F. — *A Indústria no Estado de S. Paulo em 1901, S. Paulo, 1902.*

21) Beiguelman, Paula e Simão, Azis — *inéd., cit.*

22) No interior do Estado de S. Paulo, porém, em cidades de menor concentração de imigrantes, o grupo nacional encontrou condições mais favoráveis para o seu enquadramento naturalmente dentro das oportunidades existentes (Beiguelman, Paula e Simão, Azis. inéd., cit.).

Paula Beiguelman

*

PAUL RIVET: As origens do homem. 44 págs. Separata dos n.os 24 e 25 de "Anhembi", nov. e dez. de 1952. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. Universidade de São Paulo. Secção de Publicações.

O fascículo é a síntese de um curso de paleoantropologia realizado em 1952 na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo. Se outro mérito não tivesse, caber-lhe-ia pelo menos o de ser a primeira tentativa de dar ao leitor brasileiro sem grande aparato terminológico uma visão sumária do estado atual de nossos conhecimentos do homem fóssil. É evidente que a limitação do espaço obrigou o autor a selecionar determinados aspectos em prejuízo de outros, que lhe pareceram talvez de secundária importância. Isto não o impediu de tratar o assunto de maneira pessoal e de formular hipótese original sobre a classificação das formas humanas do quaternário em suas relações com as raças ou troncos atuais.

Admitindo embora a origem monogenética da humanidade, Rivet — a título de hipótese de trabalho, que ele próprio considera ousada — liga as formas recentes a duas linhagens, separadas uma da outra desde o quaternário inferior. A primeira começando pelo pitecantropo e sinantropo, passaria pelo Homo Heidelbergensis, pelos

homens de Saccopastore, Taubach, Steinheim e Weimar, pelo homem de Neandertal e outros do quaternário médio, e, enfim, por formas mais recentes, como a de Grimaldi e os australóides, até chegar a formas holocênicas que abrangeriam australianos e patagões, melanésios e negros africanos, bem como o chamado Homem da Lagoa Santa. A expansão desses grupos se teria feito predominantemente por migração marítima, ao passo que a via terrestre teria sido preferida pelos da segunda linhagem. Esta, representada no quaternário inferior pelas descobertas de Piltdown, Swanscombe, Fontéchevade e Hotu, ter-se-ia bifurcado, talvez em princípios do quaternário médio, para dar origem ao homem de Cro-Magnon e ao "Homem branco", de um lado, e ao de Chancelade, aos uralo-altaicos e aos Esquimó, do outro. Não se excluem ligações entre uma linhagem e outra, de vez que se admite, por exemplo, que o "tipo palestiano" dos homens do quaternário médio pode "ser considerado um intermediário entre o homem de Neandertal e um dos homens do Quaternário Superior, o homem do Cro-Magnon" (p. 23). — Na impossibilidade de enumerar todos os argumentos a favor de sua hipótese, Rivet também não se põe a discutir as objeções que a ela se possam fazer. "Todo esforço de síntese é perigoso, é preciso saber afrontar esse perigo." (p. 40)

Não cabe aqui, é evidente, análise crítica do trabalho. Indica-se apenas um ou outro ponto que o autor, na forma resumida da exposição, não tratou de precisar ou desenvolver. Se bem que, por exemplo, faça menção do problema do homem terciário, não discute as prováveis ou possíveis relações entre o homem fóssil do quaternário inferior e os *Australopithecinae* da África meridional, de que nos últimos anos se encontraram numerosos restos. Quanto ao ser talvez gigantesco a que pertenceram os dentes fósseis descobertos na China por von Koenigswald, não lhe estuda os caracteres humanos e não-humanos, embora no texto se deparem as duas denominações *Gigantopithecus Blacki* e *Gigantropus* (pp. 17, 18, 41). Os dentes de *Sinanthropus pekinensis* são dados como "mais volumosos que os de todos os homens fósseis ou atuais", o que significaria que o autor exclui também o *Megantropus palaeojavanicus* da categoria dos homens fósseis. Com referência a essa forma, aliás, lê-se à pág. 17 o seguinte parágrafo: "Em 1938, von Koenigswald descobriu em Sangiran (Java) um fragmento de maxilar superior muito mais volumoso que o osso correspondente do *Pithecanthropus* e do *Sinanthropus*, e apresentando um intervalo nítido, um diastema, entre o canino e o incisivo, como nos antropóides. Essa descoberta foi logo seguida em 1940 e 1941 da de um crânio quase completo, depois de outros fragmentos de maxilar inferior, cujo estudo conduziu von Koenigswald a criar um novo gênero, *Megantropus palaeojavanicus*." Neste trecho talvez haja gralhas tipográficas. — Quanto ao homem de Neandertal, o Professor Rivet, considerando não o volume da massa encefálica, mas o grau de organização e de complexidade da matéria cerebral, além de outros fatos anatômicos, o caracteriza como "ser nitidamente intermediário entre os grandes antropóides e o homem" (p. 22); de outro lado, a invenção do cabo, mencionada como conquista sensacional da indústria mousteriana, "pode ser indubitavelmente comparada às maiores descobertas feitas no curso das idades" (p. 24).

Os problemas subjacentes a essas e outras passagens do texto foram em parte abordados nas aulas ministradas pelo brilhante professor visitante da Universidade de São Paulo. Não o puderam ser, infelizmente, em resumo de tão poucas páginas.

Egon Schaden

ARTUR RAMOS: Le métissage au Brésil. 142 págs. Actualités Scientifiques et Industrielles 1176. Hermann et Cie. Paris, 1952.

Para o leitor francês que não conheça o conjunto dos trabalhos antropológicos de Artur Ramos é de indiscutível utilidade esta obra de síntese, publicada alguns anos após a morte do autor. Como este assinala no prefácio, reproduzem-se nela uns tantos capítulos ou trechos do segundo volume da "Introdução à antropologia brasileira" e de outros livros de sua autoria.

A pretensão de Artur Ramos não é a de fornecer uma análise minuciosa dos fenômenos de fusão de raças em terra brasileira, mas de assinalar, a largos traços,